

Urbanização em disputa. Apropriação dos espaços públicos em Santo Domingo Savio (Medellín) e Vila Nova Jaguaré (São Paulo)

Maria de Lourdes Zuquim¹

mlzuquim@gmail.com

Liliana María Sánchez Mazo²

liliana.sanchez@udea.edu.co

Miguel Bustamante Fernandes Nazareth³

mgbustamante@gmail.com

Luis Alberto Hincapié Ballesteros⁴

lalberto.hincapie@udea.edu.co

Recibido: 25 de abril de 2019

Aceptado: 25 de noviembre de 2019

Resumen: Este artigo é fruto da pesquisa “Intervenções contemporâneas e transformações territoriais em assentamentos precários. Medellín/Colômbia e São Paulo/Brasil”. A pesquisa trata das transformações territoriais decorrentes das ações públicas de urbanização em assentamentos precários nas cidades de Medellín e São Paulo e explora a relação entre a política, os programas urbanos e habitacionais de cada país e cidade e a realidade destes assentamentos. Ao acompanhar e registrar o cotidiano dos moradores revelaram-se várias transformações no interior destas áreas, que somente poderiam ser captadas através dos trabalhos de campo. Dentre os achados na pesquisa o que mais chamou a atenção foram as novas formas de apropriação social dos espaços físicos e as capturas de melhorias da urbanização, quer por antigos quer por novos agentes, que revelaram o jogo de forças da apropriação do espaço. Este artigo apresenta, na primeira parte, as intervenções urbanas realizadas no bairro Santo Domingo Savio (Medellín - Colômbia) e na Vila Nova Jaguaré (São Paulo - Brasil); na segunda parte, explora os resultados dos trabalhos de campo realizados ao longo de três anos de pesquisa nestes assentamentos.

Palavras-chave: assentamentos populares; espaço público; política urbana.

1 Universidade de São Paulo, Brasil

2 Universidad de Antioquia (Medellín-Colombia)

3 Universidade de São Paulo, Brasil

4 Universidade de São Paulo, Brasil

Urbanización en disputa. Apropiación de los espacios públicos en Santo Domingo Savio (Medellín) y Vila Nova Jaguaré (San Pablo)

Disputing the intervention: appropriation of public spaces in Santo Domingo Savio (Medellín) and Vila Nova Jaguaré (São Paulo)

Este artículo es resultado de la investigación "Intervenciones contemporáneas y transformaciones territoriales en asentamientos precarios. Medellín/Colombia e São Paulo/Brasil". Tiene como foco las transformaciones territoriales derivadas de acciones públicas de urbanización en asentamientos precarios en las ciudades de Medellín y San Pablo y, explora la relación entre la política, los programas urbanos y habitacionales de cada país y ciudad y la realidad de estos asentamientos. Al acompañar y registrar el cotidiano de los habitantes se revelan varias transformaciones en el interior de éstas áreas, que solamente podrían haber sido identificadas a través del trabajo de campo. Dentro de los resultados de la investigación que más llamaron la atención se encuentran las nuevas formas de apropiación social de los espacios físicos y las capturas de las mejoras de la urbanización, bien por antiguos o por nuevos agentes, que revelan un juego de fuerzas en disputa por la apropiación del espacio. Este artículo presenta, en la primera parte, las intervenciones urbanas realizadas en el barrio Santo Domingo Savio (Medellín-Colombia) y Vila Nova Jaguaré (São Paulo-Brasil); en la segunda parte se explora los resultados del trabajo de campo realizado a lo largo de tres años de investigación en estos asentamientos.

Palabras-clave: asentamientos populares; espacio público; política urbana.

Abstract: This article is an output of the research "Contemporary interventions and territorial transformations in slums. Medellín/Colombia and São Paulo/Brazil". The latter examines territorial transformations entailed by slum upgrading interventions that took place in precarious settlements in the cities of Medellín and São Paulo and it analyzes the ties between politics, the urban and housing intervention programs of each city and each country and the daily routine of these settlements. The pursuit of everyday life unveiled several transformations of this area, which could be only detected through fieldwork. Among the results, what have drawn attention were the new forms of social appropriation of space and the struggle between old and new social actors to capture the benefits of the intervention, which unfolded the forces in play at the appropriation of space. In the first part, this article presents the urban interventions that took place at Santo Domingo Savio (Medellín - Colômbia) and Vila Nova Jaguaré (São Paulo - Brasil); in the second part, it explores the outputs of a three-year long fieldwork research in these settlements.

Key Words: popular settlements; public space; urban policies.

1. Apresentação

Ao longo dos anos, os assentamentos precários colombianos e brasileiros foram objetos de diversas intervenções urbanas, alternando entre ações de melhorias e/ou ações de remoção. Marca comum às cidades brasileiras e colombianas, trata-se de reflexo da descontinuidade das políticas urbana e habitacional que ora avançam com um governo municipal progressista, ora retrocedem com um governo municipal conservador.

Com a chegada dos anos 2000, apresenta-se um novo momento de inflexão na política e na ação pública de urbanização de assentamentos precários. Novos marcos legais e institucionais são criados em ambos países na perspectiva de ampliação dos direitos sociais, com reflexo direto nas políticas setoriais, especialmente a urbana e a habitacional (Zuquim; D’Ottaviano, 2014). Neste contexto, Medellín e São Paulo criaram e implementaram importantes programas de urbanização de bairros populares e favelas. Santo Domingo Savio e Vila Nova Jaguaré estão entre os assentamentos que foram urbanizados nesse contexto.

A convergência das ações públicas de urbanização de assentamentos precários em Medellín e São Paulo chamou a atenção dos grupos de pesquisa Núcleo de Apoio à Pesquisa Produção e Linguagem do Ambiente Construído (NAPPLAC) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP) da Universidade de São Paulo e do grupo de pesquisa Medio Ambiente y Sociedad (MASO) da Universidad de Antioquia (UdeA) para uma investigação sobre os avanços e impasses das ações públicas de urbanização de assentamentos precários. Por isto, foi desenvolvida a pesquisa “Intervenções contemporâneas e transformações territoriais em assentamentos precários. Medellín/Colômbia e São Paulo/Brasil⁵”, que analisa as transformações territoriais e as novas formas de apropriação social dos espaços físicos. A pesquisa foi desenvolvida em ambas cidades, representando um duplo mergulho na realidade dos assentamentos populares. Os resultados da análise das políticas públicas, das ações de urbanização e os trabalhos de campo realizados nos dois bairros partiram dos mesmos pressupostos metodológicos.

Foi realizado um amplo esforço para identificar semelhanças e diferenças nos processos sociais e urbanos nos dois países e nas duas cidades, aparentemente próximos, que apresentam, porém, realidades próprias. Semelhanças por compartilharem a realidade de informalidade e precariedade e avanços nas novas políticas e programas urbanos e habitacionais, e diferenças enquanto processos de urbanização peculiares, decorrentes do estágio de desenvolvimento econômico, social e político de

5 Pesquisa desenvolvida no NAPPLAC-FAUUSP sob a coordenação da Profa Dra Maria de Lourdes Zuquim, em parceria com o Grupo Maso UdeA sob a liderança de Profa Liliána María Sánchez Mazo. A pesquisa foi financiada em São Paulo pela FAPESP Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e em Medellín pelo Fundo de Internacionalização da Vice-reitoria de Pesquisa da UdeA.

cada país. As áreas de estudo definidas foram: em Medellín, o bairro Santo Domingo Savio e em São Paulo a Vila Nova Jaguaré.

Esta escolha seguiu as características programáticas dos projetos de urbanização: Santo Domingo Savio pelos componentes de espaço público, sistema viário e mobilidade, requalificação ambiental, segurança pública e participação social do Projeto Urbano Integral (PUI-nor); Vila Nova Jaguaré pelo componente urbano de dotação de infraestrutura, manutenção das características do parcelamento do solo e moradias existentes, remoção por risco urbano ambiental e provisão de unidades novas internas e externas a área (Zuquim, Sánchez y Mautner, 2017).

Para captar a lógica das interações e das mudanças sociais no cotidiano e, conseqüentemente, as novas dinâmicas sociais e urbanas, os trabalhos de campo, desenvolvidos durante 2013 e 2016, se apoiaram na observação participante como técnica investigação social (Valladares, 2006). Os trabalhos de campo seguiram em diferentes dias e períodos da semana e do fim de semana, permitindo perceber diferenças nos ambientes e usos por parte segmentos populacionais diversos. O observar diretamente o cotidiano de grupos sociais in loco, de dentro dos assentamentos e de perto com os moradores (Magnani, 2002), revelou as transformações decorrentes da intervenção urbanística, e principalmente, o que e como mudou a vida nestes assentamentos.

Como instrumentos inseparáveis da observação participante adotaram-se (i) os Mapas Mentais⁶ como estratégia para emergir o conhecimento sobre a apropriação que a comunidade tem do ambiente urbano (físico urbanístico) e dos aspectos sociais e econômicos da vida urbana; (ii) oficinas locais com moradores e lideranças sociais de Santo Domingo Savio e da Vila Nova Jaguaré com objetivo de revelar as mudanças sociais e econômicas, individuais e coletivas, decorrentes da intervenção urbanística no seu cotidiano⁷; e, (iii) entrevistas semiestruturadas com moradores, lideranças locais e funcionários públicos para compreender os diversos olhares sobre as novas dinâmicas de apropriação dos espaços construídos nestas áreas urbanizadas⁸. Os trabalhos de campo revelaram dinâmicas do cotidiano e

6 Ferramenta aplicada com objetivo de ler a percepção da comunidade nas fotos aéreas e assim revelar sua visão sobre questões do espaço. Foram usadas fotos antes e depois da intervenção, contendo viário, vielas, becos, escadarias, moradias, áreas livres e verdes etc. - . As fotos aéreas antes da intervenção tinham o sentido de registrar a memória do lugar e as de depois da intervenção registrar as transformações determinadas pela intervenção urbanística e qualificar como estas afetam a vida cotidiana.

7 As oficinas participativas foram realizadas em junho e agosto de 2015. A primeira, na Vila Nova Jaguaré, foi liderada pelo NAPPLAC e a segunda, em Santo Domingo Savio, pelo grupo de pesquisa MASO.

8 As atividades aqui relatadas situam-se no âmbito das pesquisas "Medellín, uma cidade construída a várias mãos? Participação e política urbana na transformação da cidade popular contemporânea" Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, SP-Brasil e "Vila Nova Jaguaré entre favela, comunidade e bairro", dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, SP-Brasil.

desejos individuais e coletivos a partir da memória da comunidade a representação do território usado (Santos, 1996, p. 18).

A urbanização dos assentamentos produziu processos urbanos e sociais complexos que envolvem mudanças de uso do solo, valorização imobiliária, novas atividades econômicas, verticalização das edificações e a apropriação social das áreas livres. Estas transformações mostram particularidades da dinâmica urbana e da política e ação pública local que só podem ser captadas a partir da vivência cotidiana nestes assentamentos, ou seja, são perceptíveis somente “de perto e de dentro” (Magnani; 2002).

2- Intervenções urbanas recentes em Medellín e São Paulo

2.1 Santo Domingo Savio, comuna 1, zona nordeste, Medellín

Muitos dos bairros da zona nordeste de Medellín foram autoconstruídos com o apoio de diferentes setores da sociedade que contribuíram para a execução de melhorias de infraestrutura e programas sociais (Torres, 2009). A luta pela posse da terra e prestação de serviços públicos domiciliares – especialmente da água, figuram como principais bandeiras entre 1960 e 1980 (Maldonado, 1993). A partir de 1990 e até o presente, a luta se estende e passa a incluir também pautas relacionadas ao emprego, infraestrutura, transporte, espaço público e equipamentos de saúde e educação.

No contexto de luta social, vive-se uma ação pública descontínua, fragmentada e contraditória, marcada por medidas de remoção e por ações de melhoramento em espaços e equipamentos públicos, vias e moradias, em tempo eleitoral. Realizam-se, também, ações de reassentamento na periferia, que segundo Calvo y Parra (2012) servem para reforçar a segregação socioespacial dos centros econômicos e políticos da cidade. Não por acaso, uma das primeiras intervenções públicas na zona nordeste, onde se situa Santo Domingo Savio, foi a construção da Villa del Socorro, em 1963, bairro popular onde foram realocadas famílias removidas de áreas centrais e valorizadas.

As primeiras intervenções públicas na zona nordeste foram entre 1998 e 2003 com o Programa Integral de Mejoramiento de Barrios Subnormales [Primed]⁹. O programa incluía a participação comunitária para orientar as ações de regularização fundiária, de mitigação do risco geológico e de melhora de moradias, espaços e equipamentos públicos (Sánchez y Gutiérrez, 2014). Mas foi somente com os Planos de Regularização e Legalização Urbanística [PRLU] que o bairro de Santo Domingo Savio, entre outros das comunas 1 e 2, foi considerado passível de regularização fundiária e urbanística. Tanto na fase inicial, entre 2001 e 2003, como em 2010, os PRUL foram orientados ao melhoramento integral de bairros com avanços em estudos técnicos para a

9 Programa Integral de Melhoramento de Bairros Subnormais, “Tradução nossa”.

legalização das edificações e projetos de provisão habitacional. Até hoje, a implementação em Santo Domingo continua pendente (Sánchez, 2017).

Os efeitos do primeiro PRLU foram potencializados por outra grande intervenção: a linha K do Metrocable, teleférico articulado com outros transportes coletivos e construído pela empresa Metro, de Medellín. Durante a implementação do Metrocable realizaram-se ações de regularização fundiária, melhoria de fachadas e construção de espaços e equipamentos, sempre seguindo apenas as áreas lindeiras ao eixo do teleférico. Juntos, o PRLU e o Metrocable resultaram na valorização do lugar e em mudanças de uso – moradias dando lugar a comércios. A mobilidade urbana e o espaço público foram o fio condutor dessa intervenção que possibilitou a entrada do poder público nessa zona dominada por grupos armados. Destaca-se como a incapacidade histórica do Estado em garantir direitos sociais abriu espaço ao controle dos bairros populares por parte de diferentes agentes do conflito armado – milícias populares, guerrilhas, narcotraficantes, paramilitares.

Um ano depois, o governo local começou a implementar o Projeto Urbano Integral [PUI], a partir de 2004, e a zona nordeste foi a primeira a receber obras que consolidaram uma centralidade zonal através da construção de espaços e equipamentos públicos. Em Santo Domingo Savio, o PUI se tornou laboratório de experimentação e realizou melhorias no sistema viário, programas de segurança e convívio, construção de pontes, espaços e equipamentos públicos, além de ações pontuais em saneamento e melhoramento de fachadas (EDU-DAP, 2005).

Na prática, as ações que pretendiam garantir o espaço público como direito coletivo acabaram passando por cima do direito à moradia. Ao contrário do que fora previsto no Plan de Desarrollo Local da comuna 1 [PDL, 2005–2015] (Corporación Con-vivamos, Alcaldía de Medellín, 2009) e no PRLU que consideravam a habitação prioridade, a implantação do Parque Biblioteca España de Santo Domingo Savio removeu 123 famílias no setor em que o PRLU determinava a construção de um conjunto habitacional com 1.700 unidades. No discurso de funcionários públicos, a construção da biblioteca solucionou simultaneamente três problemas: amenizou a falta de espaço e equipamentos públicos, extinguiu a precariedade e informalidade urbanas e proporcionou melhores condições de vida às famílias realocadas (Sánchez, 2017).

Neste período, o Urbanismo Social [US] passou a nortear a política urbana municipal, principalmente no que toca aos assentamentos populares. Novos marcos jurídicos atualizaram a legislação urbana e consolidaram instrumentos de participação popular. Os princípios do US são os de garantir inclusão socioespacial, condições de vida dignas, acesso a equipamentos e espaços públicos e universalidade dos serviços urbanos. Mas, ao mesmo tempo, o US tornou-se instrumento na competição global de cidades, promovendo a imagem das cidades como atração turística. Para Brand (2010), essas duas lógicas presentes no modelo Medellín são contraditórias,

embora difundidas como novo paradigma pelas agências de cooperação e consultores internacionais: o "marketing urbano".

2.2 Vila Nova Jaguaré, São Paulo

Na Vila Nova Jaguaré, foi a luta popular que garantiu sua permanência desde o início da ocupação do parque público em 1962, fosse através da resistência comunitária ou de ações pactuadas com políticos e funcionários públicos. Em 1968 a população fundou a União dos Moradores e começou a realizar pequenas melhorias coletivas. As primeiras intervenções públicas também se deram nesse contexto, a partir de acordos entre União dos Moradores e poder público, com ações pontuais em termos de saúde, educação e, mais tarde, abastecimento de água e luz. Tais ações ancoravam-se em redes de favor operadas por lideranças locais em diálogo com políticos e organizações.

No entanto, essas benfeitorias não se distribuíram uniformemente. Em geral, eram implementadas em áreas mais consolidadas, enquanto outras partes da favela permaneciam em condições precárias (Freire, 2006). Em época eleitoral, o poder local sempre realizava benfeitorias, como mutirões de limpeza, reparos em ruas e escadarias e construção de sistemas de drenagem. Mas, a cada avanço conquistado, a comunidade esbarrava na legitimidade da posse, o que os motivou a lutar unidos a outros movimentos de favelas que pautavam a urbanização e a regularização fundiária.

Como num jogo de forças, o poder público questionava as reivindicações, alegando que a área era de uso comum do povo e, por isso, não poderia ser comprada ou regularizada para seus ocupantes. Foi necessária muita luta entre União dos Moradores e poder público para que as primeiras promessas de urbanização comesçassem a surgir no início da década de 1980. Mesmo sendo, na época, uma das maiores favelas de São Paulo, com lideranças organizadas que integravam movimentos de luta pela moradia, continuou a viver entre ameaças de remoção – por parte de gestões conservadoras – e intervenções inovadoras (porém limitadas) – por parte de prefeituras progressistas.

Na década de 1990, surgiu a primeira intervenção volumosa, que visava à remoção de famílias de áreas em situação de risco de deslizamento, ao retaludamento da encosta, à construção de soluções de drenagem e à consolidação da área, com a construção de 78 unidades habitacionais. No entanto, a proposta de atendimento habitacional não foi executada e os taludes construídos foram reocupados por moradias.

A partir daí as intervenções que seguiram focaram no atendimento habitacional. Entre 1992 e 2000, foram implementados dois conjuntos habitacionais visando a remover pessoas em risco, totalizando 260 moradias. Nesse período, também foi proposta a remoção integral da favela e sua substituição por edifícios de cinco a sete pavimentos, iniciativa que se

mostrou inviável por diversos motivos – principalmente pela resistência popular.

Em 2003, é lançado o primeiro programa municipal de urbanização de assentamentos precários, o Programa Bairro Legal, que contemplava a Vila Nova Jaguaré. O programa tocava em pontos como melhoramento do sistema viário, enfrentamento do risco, qualificação de conjuntos habitacionais e regularização urbanística e fundiária, além de avanços em participação popular (São Paulo, 2010). Apesar da licitação ter sido lançada e os contratos, devidamente assinados, as obras não puderam ser realizadas na mesma gestão municipal por falta de recursos.

Nas duas gestões seguintes (2005 – 2012), deu-se prosseguimento ao projeto licitado, mas agora no marco de outro programa habitacional. Alguns aspectos do projeto que havia sido elaborado na gestão anterior foram modificados e continuaram a ser revistos ao longo da execução das obras (Moura, Nazareth e Domingues, 2015). As principais modificações projetuais se deram no nível da provisão habitacional e da articulação do viário principal com o entorno. Uma modificação impactante foi a supressão integral de um dos setores de provisão – no lugar dos conjuntos habitacionais, propôs-se uma grande área de lazer (Figura 1).

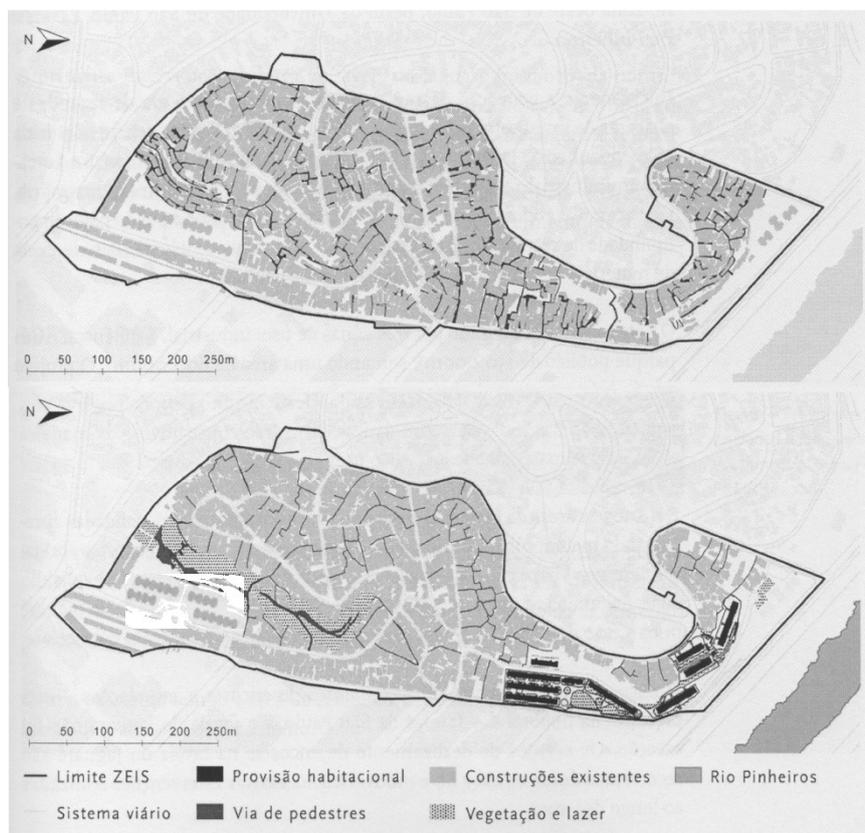


Figura 1. Mapas sínteses da situação anterior (acima) e as built (abaixo).

Fonte: elaborado por Rafaela Masunaga e Lis Souza, acervo Napplac (2016).

Com isso, outras duas áreas de provisão externas próximas ao bairro foram necessárias¹⁰. A diferença entre o número de famílias removidas e a quantidade de unidades produzidas evidencia a dimensão dos deslocamentos provocados: do total de aproximadamente 3.500 moradias da favela, 1.879 foram removidas e somente 942 unidades foram produzidas. Como consequência dessa discrepância, e também dado o baixo valor do Aluguel Social e a demora no reassentamento das famílias, formou-se uma nova favela em área próxima¹¹.

Destaca-se que, em São Paulo, principalmente após os anos 1970, a violência urbana se tornou um problema social determinante no cotidiano dos bairros populares, mas os arranjos do crime são bastante diferentes daqueles encontrados em Medellín. Em São Paulo, a violência urbana começou como uma criminalidade dispersa e local e, ao longo da década de 1990, passou a uma guerra pelo monopólio do tráfico de drogas entre as várias facções criminosas, aumentando expressivamente o número de homicídios. Nos anos 2000, especificamente em São Paulo, acontece a “pacificação das relações internas ao crime”, pacto que diminui a violência nos bairros pobres por meio da conciliação dos diferentes grupos armados em torno de uma única organização. A legitimidade deste grupo aumenta não somente pela violência armada, mas também porque ele oferece “proteção” e “justiça” (Feltrán, 2010, p. 63). Hoje, as mortes diminuíram, mas moradores de muitas favelas e periferias respondem a essa nova autoridade. No caso de roubos, furtos ou qualquer outro conflito, a população é proibida de recorrer à polícia, sendo instruído a dialogar com o “crime”.

3. A apropriação social em bairros populares e favelas urbanizadas

Bairro Santo Domingo Savio, zona nordeste de Medellín, e favela Vila Nova Jaguaré, zona oeste de São Paulo. Dois países com diferentes contextos de desenvolvimento econômico, social e político, e, sobretudo diferentes processos de urbanização. Duas cidades com realidades sociais e urbanas singulares e orientações distintas de política urbana. Dois assentamentos que partilham a informalidade, a precariedade urbana e a violência em seus contextos específicos, e que foram objetos de intervenção urbanística, gerando diferentes formas de apropriação social.

Anos atrás, estes assentamentos tinham outras formas de morar, de acessar serviços públicos, de conviver com a violência e a precariedade. Mas o que exatamente mudou? As cenas a seguir revelam em suas entrelinhas transformações que vão além de alterações no espaço físico – descrevem

10 Os conjuntos habitacionais Alexandre Mackenzie e Kenkiti Simomoto foram construídos em áreas externas próximas à comunidade.

11 A Favela Diogo Pires abriga hoje 505 domicílios. Para essas famílias, foi pensado um novo projeto de reassentamento em área adjacente, mas que permanece inacabado.

novas atividades e dinâmicas, indicando mudanças na relação entre os atores que apropriam o espaço público.

Agosto de 2015. Santo Domingo Savio. Já era noite ao saímos do Parque Biblioteca España, onde realizávamos uma oficina com moradores. Descendo as escadas, em uma pequena praça circular, crianças e adolescentes se dividiam em pequenos grupos, distribuídos nos diferentes espaços. Atravessamos a praça e subimos uma escada que nos leva até o Parque El Mirador, de onde se via grande parte da cidade. Relatos da oficina ressoavam em nossas cabeças. À nossa volta, uma família sentada em uma pista de skate; um vendedor ambulante de arepas; crianças correndo; turistas europeus, latinos e orientais. Uma dupla de jovens moradores se aproxima. Com o discurso na ponta da língua, discorrem sobre a história e a transformação do bairro: o passado de narcotráfico, violência, precariedade; a instalação do Metrocable e a recente intervenção que implantou a biblioteca; o presente de paz e desenvolvimento (Figura 2) (adaptado de caderno de campo, 2015).

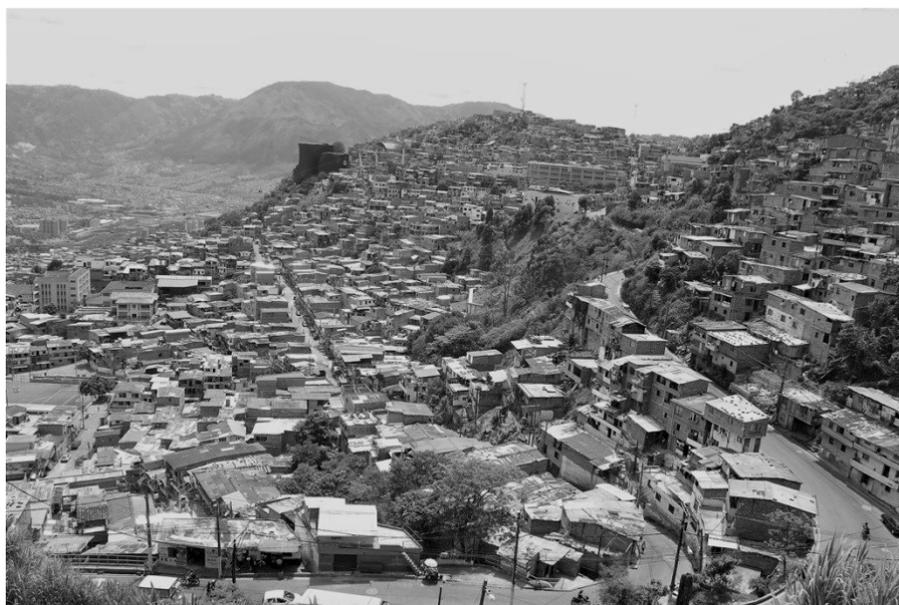


Figura 2. Vista comuna 1 de Medellín, bairro Santo Domingo Savio.

Fonte: Ciudad Comuna (2014).

Outubro de 2015. Vila Nova Jaguaré (Figura 3). Era manhã quando subimos as escadas que atravessam um conjunto habitacional em direção a uma nova praça criada pela obra de urbanização. Chegamos a um primeiro nível mais amplo, onde carros encontram lugar para estacionar, e lá vemos um carro abandonado. A praça se acomoda em uma encosta íngreme e passeios de pedestre distribuem-se nos distintos níveis de taludes. A única forma de se transpor a encosta é por meio de uma escada metálica, que

leva até a parte alta da favela. Na base dos taludes, pilhas de lixo se acumulam. Andamos por entre os carros em direção ao Telecentro – equipamento recém-construído pelo poder público. Dentro dele, encontramos um pequeno grupo de judocas. Do lado de fora, um parque infantil, espremido no canto da praça. Olhando em volta, vigas de ferro e fundações escavadas. Alguns de nós sacamos câmeras e tiramos fotos. Atento à cena, um homem guarda a cavadeira em seu carro. Em seguida, dirige-se a nós e exige explicações. “Quem são vocês? Por que estão tirando fotos? De onde são?”. Ele acha que somos funcionários da prefeitura; quer saber se estamos ali para denunciar as ocupações. Após ouvir que somos pesquisadores, que estudamos a urbanização, os ânimos se arrefecem. Justificando a ocupação do talude, reitera: “a culpa é da prefeitura¹², ela que deixou todo esse espaço vazio para ocupar!” (Adaptado de caderno de campo, 2015).



Figura 3. O Telecentro e a praça do Telecentro, Vila Nova Jaguaré.

Fonte: Miguel Bustamante (2016).

As passagens acima, ao trazer perspectivas da apropriação dos espaços públicos, fornecem pistas sobre as possibilidades e conflitos que se delineiam hoje nesses bairros urbanizados. Por trás de ambas, existe uma série de interações que conecta moradores, diferentes setores do poder público, empreendedores, turistas, ONGs, movimentos sociais e, além disso, grupos armados. Juntos, mas com formas de participação desiguais, esses atores produzem as realidades retratadas – mesmo que alguns permaneçam ocultos nas cenas narradas. Essas cenas seriam impossíveis há alguns anos

¹² No uso coloquial do termo, utiliza-se prefeitura como sinônimo de poder público local.

atrás, o que reforça a perspectiva de transformação do cotidiano desses lugares pela urbanização: o espaço se transformou, criaram-se novas oportunidades e as disputas se deslocaram.

A consolidação dos assentamentos estudados foi produzida nas relações entre os poderes públicos locais e os movimentos sociais. As ações de regularização fundiária, provisão de infraestrutura, a organização popular e a mercantilização do espaço são fatores que abrem caminho ao longo dos anos para transformações nas formas de apropriação do espaço. Hoje, verifica-se que as narrativas dos moradores atravessam a história para situar suas visões sobre os lugares e seus dramas sociais atuais.

O espaço é meio e produto das relações entre atores sociais e engloba sistemas de espaços físicos, valores e atividades (Santos e Vogel, 1981). A apropriação do espaço é um fenômeno complexo e seus estudos podem seguir diferentes abordagens a depender de seus objetivos. Neste trabalho, busca-se explorar os conflitos e oportunidades que despontam após as ações de urbanização.

A apropriação se apresenta como o campo onde se encontram forças mobilizadas por grupos que entendem o espaço de maneiras distintas e possuem "capacidades de apropriação" desiguais (Bourdieu, 2012). Esses campos de forças são produzidos nas relações de produção e consumo dos sistemas de sociedade-espaço-tempo e essas relações se tornam aparentes pelas territorialidades do "vivido" e formas de semantização do espaço (Garcia, 1976; Raffestin, 1993). O sentido operativo das territorialidades se dá em relações de inclusão e exclusão de indivíduos, famílias ou grupos sociais, ou seja, ligações e rupturas do espaço urbano que são a dimensão territorial das contradições dos processos de urbanização. Assim, a análise da apropriação do espaço nos assentamentos estudados revela relações de poder que estruturam a produção de bairros populares e favelas. Isto é, as análises de produção e apropriação do espaço se conectam da mesma maneira que os estudos sociais "na" cidade contribuem para perspectivas mais gerais "da" cidade (Magnani, 2012).

Os resultados de pesquisa que foram obtidos nos trabalhos de campo possibilitaram a identificação de novas formas de apropriação social dos espaços físicos e dos benefícios decorrentes da urbanização. Ao mesmo tempo, as análises revelaram estratégias que esses atores sociais mobilizam, evidenciando o jogo de forças em disputa que movimenta a apropriação do espaço (Nazareth, 2017).

Para compreender a apropriação dos espaços produzidos pelas intervenções em Santo Domingo Savio e Vila Nova Jaguaré, optou-se por acompanhar o cotidiano dos moradores: realizaram-se oficinas participativas, percursos pelos bairros e entrevistas. A partir disso, surgiram

questões que guiaram a trajetória da pesquisa: a favela virou cidade¹³? A precariedade habitacional foi resolvida ou o problema foi recolocado? O que pensam os moradores sobre a intervenção? O que mudou e o que não mudou? Como a população se apropria dos benefícios da ação pública? Existem novas atividades, novos conflitos, novos atores? Como resultado dessa abordagem, emergiram narrativas que retratam a realidade de diferentes formas e revelam a apropriação social em bairros populares urbanizados.

3.1 Santo Domingo Savio, Medellín

A cena dos jovens que contavam a história de Santo Domingo Savio para turistas, retrata uma realidade pacífica em contraste com o passado violento. Mas, no discurso dos jovens guias, ocultam-se as contradições e disputas atuais que uma análise mais detalhada da apropriação dos novos espaços e equipamentos públicos revela.

Hoje, com a presença da polícia e de casas de justiça, quase não ocorrem mais confrontos e não se veem armas com tanta facilidade, mas o crime continua a atuar de maneira mais oculta, controlando o comércio de drogas e regulando preços e distribuição de produtos de consumo diário, como arepas, ovos e gás. Também, cobra pela segurança que promove aos moradores e comerciantes e pelo uso de novas ruas e calçadas como estacionamento ou para jogar escombros. Recentemente, o crime diversificou ainda mais sua atuação, aproveitando a escalada do turismo de bairro popular. Essas novas práticas se misturam com as antigas (atuação no mercado imobiliário informal regulando a compra e venda de terras; impedimento à livre mobilidade urbana; interferência no ativismo comunitário) para consolidar a permanência e o poder do crime.

Os próprios moradores sentem que a polícia é uma figura de adorno no bairro: “simulam ter controle, mas quem realmente soluciona os problemas são os muchachos¹⁴” – são eles que mandam, conforme relatam diversas pessoas. E isso não é novidade: historicamente, ações de controle social fortaleceram a legitimidade desses grupos, que atuam como rede de proteção, apoio, solidariedade e também intermediando a resolução de conflitos – ações que ajudam a resguardar a segurança do bairro, o bem-estar dos moradores e a proteção dos bens privados.

Ou seja, a intervenção urbana e a ação pública não inviabilizou a atuação desses agentes, mas o novo jogo de forças que se estabeleceu deixou o bairro mais seguro, rompendo inclusive barreiras invisíveis que dificultavam o

13 Expressões de uso cotidiano coloquial nas áreas estudadas colocam a favela em oposição às áreas nobres da cidade, não só pela carência em infraestrutura, mas principalmente pelo desrespeito a direitos fundamentais.

14 Expressão mais utilizada pelas pessoas quando se referem a membros das bandas criminales, ou seja, dos grupos armados.

deslocamento de moradores e transeuntes na região: “fique tranquilo, aqui não acontece mais nada, não tem mais nenhuma morte” – como ouve-se diversas vezes dos moradores de Santo Domingo Savio. Atualmente, ainda que o governo negue publicamente, vigora o Pacto del Fúsil, estabelecido entre grupos criminosos e poder público local para reduzir homicídios, quebrar as fronteiras invisíveis e gerar sentimento de tranquilidade e segurança (Quijano, 2015).

Com o fim dos confrontos armados e a construção de novas praças e equipamentos, o espaço público passou a apresentar importante papel na sociabilidade local. No entanto, percebe-se que esses espaços e equipamentos públicos também se inserem na lógica de abertura do bairro ao turismo. A própria construção do Parque Biblioteca España é muitas vezes relativizada pelos moradores, pois apesar de ter garantido acesso a serviços de educação, cultura e lazer, sua arquitetura imponente é vista como grande desperdício de dinheiro público, que poderia ter sido utilizado para produzir moradias no local, conforme orientava a necessidade social e até mesmo a política habitacional.

Destaca-se que a intervenção urbana e a arquitetura do Parque Biblioteca porque foram contempladas com inúmeras premiações nacionais e internacionais, e hoje o bairro atrai turistas de todo o mundo. Assim, muitas das atividades locais passaram a girar em torno da satisfação do turista, criando condições para que sua visita seja sempre agradável e segura.

Por um lado, a presença do turista trouxe oportunidades de trabalho, e passaram a surgir novas atividades e serviços que se instalam nos espaços públicos e criam condições de apropriação para esses novos visitantes. Mas, por outro lado, os espaços públicos e o cotidiano acabaram se readequando aos interesses desses agentes externos, o que não está necessariamente relacionado a benefícios coletivos. Sendo assim, fica a pergunta: sua memória e identidade estão se degradando para que o bairro ganhe significado de vitrine de cidade modelo?

Nesse contexto de inserção e desenvolvimento, empreendedores externos começaram a abrir comércios no bairro e moradores passaram a investir mais em suas moradias, reformando e pintando as fachadas com cores vivas e erguendo novos pisos. O comércio está muito aquecido, e as antigas tendas que vendiam alimentos básicos, cigarros e bebidas alcoólicas deram lugar a sofisticados estabelecimentos que oferecem grande diversidade de produtos. Para os moradores, os benefícios são novas ofertas de emprego e uma variedade de serviços e produtos antes disponíveis somente no centro da cidade, como entidades bancárias e de assessoria técnica que ingressaram no bairro. No entanto, moradores preocupam-se com o aumento do custo de vida.

A implantação do teleférico e de novos espaços e equipamentos públicos permitiu a integração urbana de Santo Domingo Savio, mas a grande maioria dessas melhorias está concentrada ao redor da estação local do

Metrocable, área considerada núcleo zonal e que, depois da intervenção, reforçou-se como centralidade no contexto da cidade (Figura 4).



Figura 4. Evolução da centralidade de Santo Domingo Savio entre 1999 e 2014.

Fonte: Alcaldía de Medellín geodatabse dos POT (1999, 2014).

Porém, fora dos limites da intervenção, o bairro continua crescendo em condições de informalidade e precariedade (Figura 5), com barracos situados em áreas de risco e sem conexão com serviços públicos. A poucos quarteirões do Metrocable e do Parque Biblioteca España, o cotidiano ainda é marcado por conflitos violentos, e muitos habitantes ficam excluídos das melhorias. A centralidade de Santo Domingo Savio se apresenta, portanto, como uma exceção no contexto de um bairro carente em espaços públicos, bens e serviços.

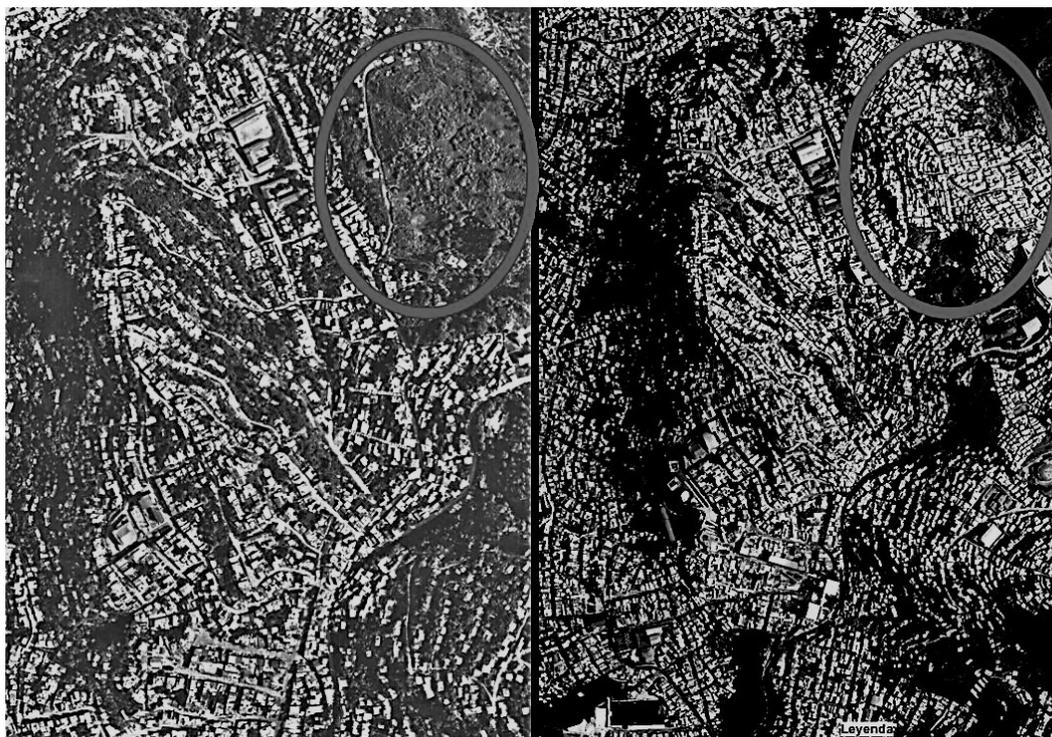


Figura 5. Evolução de Santo Domingo Savio entre 1998 (esquerda) e 2010 (direita).

Fonte: Subdirección de Información Alcaldía de Medellín (2015).

3.2 Vila Nova Jaguaré, São Paulo

A cena do homem que escavava na praça principal da Vila Nova Jaguaré e nos reprimiu por tirarmos fotos revela de imediato que a intervenção pública gerou um processo de reocupação que está reproduzindo novas precariedades e situações de risco. E, além disso, é um retrato do jogo de forças que movimenta a apropriação do espaço: carros, judocas, crianças e o crime organizado disputam uma grande área livre (Nazareth, 2017). Contrapondo esse processo de reocupação atual com os antigos, é evidente sua complexidade. Antes de 2000, eram geralmente famílias que ocupavam as áreas livres e construíam barracos que se expandiam aos poucos; hoje, existe uma maior diversidade de forças que as disputam.

Entretanto, as oportunidades também estão mais próximas, pois multiplicaram-se os coletivos e ONG's que atuam no bairro e a quantidade de atividades, cursos e serviços disponíveis aos jovens aumentou muito: "só não faz quem não quer" (Entrevista realizada em Vila Nova Jaguaré, 2016). A maioria das entidades funciona no período do contraturno escolar e visa "tirar o jovem da rua para afastá-lo das drogas e da violência" – discurso recorrente nas falas de representantes de ONG's da Vila Nova Jaguaré. As

instituições são bastante diversas, contemplando de crianças a jovens adultos e ministrando cursos gratuitos de capacitação profissional, além de atividades culturais e esportivas. Surgiram no bairro novas creches e recreações, uma antiga demanda dos moradores, dispendo inclusive de peruas para a condução das crianças.

O tráfego interno de veículos aumentou e se diversificou consideravelmente – automóveis privados, institucionais e empresariais, peruas escolares e motocicletas, além de caminhões que abastecem o comércio local, entregam móveis, materiais de construção e outros produtos. Garagens e estacionamentos se distribuem por todo o bairro e a presença do carro revela o desenvolvimento econômico da favela e a ascensão social dos moradores, mas instaura um conflito característico das grandes cidades entre qualidade de vida, apropriação dos espaços públicos e mobilidade. Nas oficinas, os jovens apontaram as transformações no cotidiano: “as crianças não podem mais brincar nas ruas”, mas “melhorou porque é mais fácil para se movimentar, ir para outros lugares” (Zuquim; Nazareth, 2017).

Se, por um lado, o asfaltamento das ruas inibiu as brincadeiras, por outro lado contribuiu ao surgimento de uma nova atividade de lazer: o baile funk. Os bailes da Vila Nova Jaguaré são famosos e atraem pessoas de várias partes da grande São Paulo, inclusive de outros municípios. Para os jovens, são motivo de orgulho, mas muitas famílias se dizem incomodadas pelo barulho e pela promiscuidade e também relacionam os bailes ao aumento de roubos e furtos. Para comerciantes, ambulantes e, também, traficantes, as festas são oportunidade de lucro. No bairro, os bailes dividem opiniões, mas naturalmente existem posições intermediárias, como a do jovem que gosta das festas, mas não aprova o lixo no dia seguinte; a das famílias incomodadas, mas que abrem suas casas e cobram pelo uso do banheiro; a dos pais que não os veem com bons olhos, mas preferem que os filhos se divirtam na vizinhança etc.

De fato, a fala do homem que nos constrangeu por estarmos tirando fotos na praça corrobora o entendimento de que a intervenção não traz somente melhorias, mas, mais do que isso, gera oportunidades: “ela [prefeitura] que deixou todo esse espaço vazio para ocupar!”. Não só na nova praça, mas também em taludes, gabiões, calçadas e outras áreas livres edificáveis, a grande maioria das ocupações é mediada pelo crime, que se apodera dos melhores locais, vende as nesgas remanescentes e consente na ocupação de outros pontos. Nos terrenos empossados, são construídas pequenas unidades, de aparentemente dois cômodos, autônomas e sobrepostas, que compõem edifícios de até seis pisos, utilizando mão-de-obra remunerada. Até o momento, a maioria destina-se ao aluguel e ocupa antigas áreas de risco estabilizadas, onde os espaços livres abundantes estão possibilitando a implantação de um verdadeiro parque de locação (figuras 6 e 7). Percebe-se que, na disputa pelos espaços livres, o crime sai ganhando, frustrando os moradores: “a gente não pode falar nada”, relatam diversos moradores da Vila Nova Jaguaré.



Figuras 6 e 7. Ocupação da praça do Telecentro entre abril (esquerda) e setembro (direita) de 2016.

Fonte: Miguel Bustamante (2016).

Apesar de não terem sido verificadas ações públicas de enfrentamento às ocupações (embora com notório conhecimento do poder público municipal¹⁵), algumas iniciativas buscam preservar os espaços coletivos. O parque infantil e o Telecentro, que aparecem na cena narrada, são exemplos disso. O parque foi construído por uma ONG para promover a apropriação da nova praça; já o Telecentro, que foi abandonado pelo poder público sem ter nem mesmo recebido mobiliário e computadores, acabou sendo utilizado para diversas atividades, como aulas de judô e teatro. Outra iniciativa para preservar espaços de uso coletivo partiu de condôminos de um dos conjuntos habitacionais construídos dentro da Vila, que cercaram a praça que dá acesso a seu edifício. No espaço cercado, os jardins e mobiliário bem cuidados contrastam com o restante dessa praça, deteriorada e “vazia” para novas reocupações.

Fora as áreas de risco estabilizadas, os locais onde moradias sociais foram construídas também sofreram processos de reocupação, mas com características um pouco diferentes. Da implantação dos edifícios, resultaram taludes, gabiões, calçadas e alargamentos de vias que estão sendo reocupadas por múltiplos agentes que constroem garagens, comércio e, sobretudo, casas. A particularidade aqui é que o indutor das ocupações nem sempre é a casa: muitas começam funcionando como garagens e pequenos comércios e, quando o segundo piso é construído, transformam-se em sobrados com moradia e piso térreo comercial. É interessante notar que a rigidez dos projetos habitacionais, que não permitem usos mistos nos

15 As ocupações do crime já foram denunciadas em diversos veículos de comunicação.

edifícios e não oferecem soluções ao automóvel, é contornada com soluções informais. Mas as casas também não demoram a aparecer, como um atavismo que revela o elemento central da formação das favelas: a moradia.

Na fala dos moradores, os benefícios da intervenção são relativizados: “a urbanização trouxe coisas boas e ruins”. Apontam-se melhorias em serviços, equipamentos, segurança da posse e mobilidade, mas, por outro lado, questiona-se o tratamento diferencial em relação ao resto da cidade e luta-se para se preservar as melhorias que estão sendo capturadas (Zuquim; Nazareth, 2017).

4. Considerações finais

Na Colômbia e no Brasil, muito se lutou para que bairros populares e favelas fossem urbanizados. Depois de décadas de luta, o poder público finalmente chegou em alguns desses assentamentos, implementando nova infraestrutura e proporcionando um ambiente de oportunidades. Porém, percebe-se que os benefícios são relativos – relacionam-se principalmente com o poder de apropriação de cada um dos grupos sociais estabelecidos. Nos espaços públicos em Santo Domingo Savio e na Vila Nova Jaguaré, revelam-se novas formas de apropriação que disputam os benefícios da intervenção passíveis de captura.

Nos dois bairros, a intervenção favoreceu a entrada de bens e serviços, valorizando esses territórios populares. Despontam também novos atores sociais, principalmente comerciantes e investidores, atraídos pelas oportunidades e pela segurança econômica que a ação pública proporcionou. O ambiente construído em cada assentamento passou também a refletir esse otimismo através de um novo senso estético – cores vivas, tetos, varandas e fachadas vistosas. Investe-se em renovações e constrói-se ampliações e novos edifícios para abrigar novas atividades econômicas (principalmente comércio de bens e serviços e moradias de aluguel). Contudo, cada uma das intervenções proporcionou oportunidades diferentes, fazendo com que as disputas assumissem configurações particulares. A título de exemplo, enquanto em Santo Domingo Savio os grupos armados passaram a atuar de forma mais dissimulada, visando a apropriar os benefícios do turismo, do comércio e da privatização dos espaços públicos, na Vila Nova Jaguaré esses grupos ocupam espaços públicos para produzir moradias de aluguel.

De fato, os dois casos estudados revelam um forte ambiente de disputas, tanto para captar os novos recursos como para ocupar os novos espaços. Muitas vezes, o estigma da precariedade mascara as hierarquias e sustenta o imaginário de que a intervenção gera isonomia de benefícios. Contudo, a disputa pela apropriação do espaço fica clara nas cenas retratadas, e são justamente as hierarquias estabelecidas que concentram os benefícios da

intervenção nas mãos dos grupos (armados ou não) que controlam estes territórios; ou seja, ganham aqueles que possuem mais recursos (poder e capital). Ainda, prevalece a ideia de que as intervenções públicas produzem uma realidade pronta, acabada. Mas a ideia de produto final é fictícia, pois o cotidiano está em constante movimento, transformação. Depois do fim das obras, inicia-se um movimento de reapropriação dos espaços públicos (e do bairro como um todo), que reafirma e reformula antigas disputas sociais. Nesse novo contexto do bairro popular urbanizado, caso o Estado continue se omitindo (ou pactuando ocultamente na forma da omissão), os grupos mais poderosos continuarão a controlar as oportunidades, sejam elas derivadas ou não das ações de urbanização. Percebe-se que a ação pública acaba dando condições físicas para que esses grupos movimentem o jogo de forças da apropriação a seu favor – contradição que, como vimos, materializa-se na apropriação dos espaços públicos.

5. Referências bibliográficas

- Bourdieu, P. (2012). Efeitos de lugar. In: Bourdieu, P (coord.). A miséria do mundo. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, p. 159-166.
- Brand, P. (2010). El "urbanismo social" de Medellín-Colombia. URL: <http://www.bartlett.ucl.ac.uk/dpu/>"Metrocable"s/dissemination/Brand-2010.pdf (consultado en línea el 18 de febrero de 2014).
- Corporación Con-vivamos, Alcaldía de Medellín (2009). Plan de Desarrollo Local, Comuna 1 Popular, 2005-2015. Medellín: [s.n.].
- Calvo, Ó., y Parra, M. (2012). Medellín (rojo), 1968. Protesta, secularización y vida urbana en las jornadas de la II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Bogotá: Planeta.
- Empresa de Desarrollo Urbano y Departamento Administrativo de Planeación-EDU y DAP. (2005). Informe final Convenio 4800000316 de 2004, Acciones con mi barrio - Proyecto Urbano Integral Nororiental. Medellín: Alcaldía de Medellín.
- Feltrán, G.S. (2010). Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. Caderno CRH, 23 (58), 59-73.
- Freire, L.M. (2006). Encostas e favelas: deficiências, conflitos e potencialidades no espaço urbano da favela Nova Jaguaré. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- García, J. L. (1976). Antropología del territorio. España (Madrid): Taller de Ediciones Josefina Betancor.
- Magnani, J.G.C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Rev. bras. Ci. Soc. [online], vol.17, n.49, pp.11-29. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.
- _____ (2012). Da periferia ao centro: trajetória de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

- Maldonado, M. (1993). Privatización y Municipalización en el surgimiento de los servicios urbanos en Medellín. Anotaciones sobre Planeación. Estado, planeación, territorio: dinámica de los procesos socioculturales en la transformación territorial (40), 71-88.
- Moura, R.C., Nazareth, M.B.F.; Domingues, C.G. (2015). Favela Nova Jaguaré: entre o projetado e o executado nos eixos habitação e espaços livres. III Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono (III CIHEL), São Paulo, SP, Brasil.
- Nazareth, M.B.F. (2017). Vila Nova Jaguaré entre favela, comunidade e bairro. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- São Paulo (2010). Plano Municipal de Habitação PMH 2009-2024. São Paulo: Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano.
- Quijano, L.F. (2015). La ciudad de Medellín, le pertenece a los combos de asesinos. URL: <http:// analisisurbano.org/la-ciudad-de-medellin-le-pertenece-a-los-combos-de-asesinos/> (consultado en línea el 8 de agosto de 2017).
- Raffestin, C. (1993). Por uma geografia do poder. São Paulo: Editora Ática S. A. .
- Sánchez, L.M; Gutiérrez, A.L (2014). Potencialidades de la participación en la construcción de ciudad desde intervenciones urbanas en asentamientos precarios. América Latina Hoy (68), 119-136. URL: <http://dx.doi.org/10.14201/alh201468119136> (consultado en línea el 8 de agosto de 2017).
- Sánchez, L.M. (2017). Medellín: uma cidade construída a várias mãos? Participação e política urbana na transformação da cidade popular contemporânea. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Santos, M. (1996) A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC.
- Santos, C. N. F.; Vogel, A. (1981). Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 2a edição. Rio de Janeiro: Convênio IBAM/FINEP.
- Torres, C. (2009). Ciudad informal colombiana. Barrios construidos por la gente. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Grupo de Investigación Procesos Urbanos en Hábitat, Vivienda e Informalidad.
- Valladares, L. (2007). Os dez mandamentos da observação participante. Revista brasileira de ciências sociais, v. 22, n. 63, p. 153-155.
- Zuquim, M.L., D´ottaviano, M.C.L. (Org.) (2014). Apresentação. Práticas recentes de intervenção urbana em áreas informais na América Latina. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- Zuquim, M.L., Nazareth, M.B.F. (2017). Oficina “A vida na Nova Jaguaré”: novas descobertas. In: Zuquim, M.L., Sánchez, L.M. (Org.); & Mautner, Y. (Col.) (2017). Barrios populares Medellín, Favelas São Paulo. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- Zuquim, M.L., Sánchez, L.M. (Org.); Mautner, Y. (Col.) (2017). Barrios populares Medellín, Favelas São Paulo. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.